

O DESEJO PELO OUTRO

POR FILIPE FURTADO

VANGUARDA
INOVAÇÃO



Num dos debates com realizadores de curtas-metragens na última Mostra de Cinema de Tiradentes chamou atenção o depoimento de Jair Molina, que estava lá representando o Coletivo Santa Madeira, que pelo segundo ano consecutivo exibiu um curta no evento. Molina relata como o grupo quase acabou após as filmagens do filme anterior *Pescaria de merda* porque ele próprio impôs uma série de ideias radicais que lhe pareciam essenciais ao trabalho, mas que na época não caíram bem com seus companheiros; o novo curta, *O plantador de quiabos*, novamente se revelou traumático e rachou o grupo que o próprio cineasta parecia no debate pôr em questão. Entre sua presença como representante do grupo e sua própria versão dos fatos, é fácil justa ou injustamente imaginar Molina como a força criativa do Coletivo Santa Madeira, mas o que de mais significativo temos nesta pequena anedota sobre diferenças criativas na realização de um curta envolve menos esta figura singular do autor, e muito mais como ela encapsula um desejo muito comum entre jovens cineastas brasileiros. Molina e seus colegas de grupo, egressos da mesma faculdade de Cinema, em vez de se organizar segundo nossa lógica tradicional de funções cinematográficas, preferiram, a despeito das possíveis diferenças criativas, se instalar dentro desta ideia de grupo.

Vigias



É um sentimento muito forte que transpassa boa parte do jovem cinema brasileiro. Ela está lá num desejo de reforçar a própria ideia de geração – muito menos uma ferramenta de marketing e mais um reconhecimento de que a cena é ela própria a maior consumidora de si mesma –, assim como os vários focos locais, cada um com algumas características muito próprias que propõem vários minigrupos; algo que fica claro quando nos lembramos da organização da 50ª edição desta mesma Filme Cultura, em artigos que buscavam chegar ao cinema brasileiro contemporâneo através de vários cinemas regionais. Sobre tudo esta ideia de grupo ganha força quando observamos como muito do que de mais vital no cinema brasileiro recente nasceu de produtoras locais, como a Teia (MG), Simio (PE) e Alumbramento (CE) que são mais que meras empresas que abrigam uma série de realizadores, e sim focos criativos que apresentam cada um ao seu modo um olhar para o cinema muito próprio.

Uma boa forma de observarmos as características deste movimento de dissolução da criação do indivíduo para o grupo é compararmos as diferenças da ideia de encontro com personagens nos filmes de Eduardo Coutinho e de alguns filmes de jovens realizadores como *A casa de Sandro*, de Gustavo Beck, e *Vigias*, de Marcelo Lordello. Num filme como *O fim e o princípio*, a câmera de Coutinho não deixa de documentar como toda sua equipe se desloca com ele para a pequena cidade na qual as entrevistas são coletadas, mas o foco invariavelmente se encontra na figura do cineasta e seus personagens; a equipe existe somente enquanto exerce uma função. Existe uma hierarquia muito clara nestes encontros captados por Coutinho. Quando Beck descreve *A casa de Sandro* como um filme de visita, o visitante em questão visivelmente não é só o cineasta. Da mesma forma *Vigias* não é sobre Lordello acompanhando a noite de uma série de vigias noturnos, mas de todo um grupo que está ali junto com o cineasta. Há uma clara mudança de paradigma entre um filme como *O fim e o princípio* e *Vigias*, da figura do autor para a imagem do grupo. Não deixa de dizer muito sobre este processo que Beck seguiu *A casa de Sandro* com Chantal Akerman de C&A, filme-entrevista com a cineasta belga Chantal Akerman realizado em parceria com o jornalista Leonardo Luiz Ferreira, responsável pela entrevista que serve de base para o filme, que, num outro momento, seria só mais uma personagem, mas aqui é alçado à posição de coautor.

Ainda assim temos uma diferença entre os filmes de uma produtora como a Teia, no qual o cinéfilo pode localizar uma série de interesses estéticos comuns, mas nos quais ainda são inegáveis as personalidades próprias de cineastas, como Sergio Borges e Marília Rocha, e filmes nos quais a identidade do autor se torna muito mais difusa. Voltando no tempo, encontramos dois filmes realizados no começo dos anos 2000 que podem ser vistos como ancestrais dos filmes coletivos recentes: o curta *Resgate cultural*, o filme, do coletivo pernambucano Telephone Colorido, e o longa *Conceição – autor bom é autor morto*, codirigido por um grupo de estudantes da Universidade Federal Fluminense. O Telephone Colorido,



que se autodescreve como um grupo de guerrilha cultural, vem realizando ao longo da década, entre curtas e clipes, um trabalho notável no meio da cena pernambucana que chegou até nós pela primeira vez nos vinte minutos de cine manifesto de *Resgate cultural*. O filme coloca em tensão uma série de elementos da cultura pernambucana a partir da ideia do sequestro de Ariano Suassuna. O *Telephone Colorido* se identifica com os sequestradores e muito da força do inventário cultural proposto pelo filme nasce justamente do discurso não ser identificado com um indivíduo em si, mas com a presença muito mais ambígua do “coletivo de guerrilha”.

Conceição – Autor bom é autor morto lida diretamente com a figura do autor. O filme foi realizado entre 1998 e 2000 como trabalho de conclusão da UFF por André Sampaio, Cynthia Sims, Daniel Caetano, Guilherme Sarmiento e Samantha Ribeiro e finalmente finalizado e lançado em 2007. Apesar de ser um filme com episódios dirigidos individualmente pelos diretores e unidos pela ideia de um grupo de estudantes de cinema num bar falando sobre os filmes que gostariam de fazer, vemos muito mais fragmentos de filmes – muito bem costurados pela excelente montagem de Sampaio – do que uma série de curtas, e não há créditos que especifiquem quem foi responsável pelo quê. A ideia dos personagens que se revoltam contra a crueldade constante, a que são sujeitados pelos seus criadores, só reforça o interesse do filme de colocar em crise o conceito de autoria. Curiosamente, a despeito de todo este esforço de matar o autor, *Conceição* não consegue deixar de explicitar suas múltiplas sensibilidades, e quem conhece, por exemplo, os curtas de Sampaio ou as crônicas de Sarmiento tende a reconhecer ao menos parte das sequências pelas quais eles são responsáveis. Sem falar na forte presença teórica do hoje redator da Filme Cultura, Daniel Caetano, que não deixa de ser uma espécie de autor da crise do autor proposta pelo seu filme. *Conceição* se revela muito mais uma cacofonia de sensibilidades do que a dissolução da autoria que a princípio sugere. Vale destacar que a disposição dos seus diretores de se colocarem em cena como ficções de si mesmos aponta para uma tendência muito comum que se aprofundaria em boa parte do jovem cinema brasileiro com gosto pelo coletivo com suas equipes frequentemente em cena nos documentários e híbridos e seus cineastas atores de si mesmo em ficções como *Os monstros* dos Irmãos Pretti e *Primos Parente*. Esta autoconsciência que é ao mesmo tempo presente o tempo todo e completamente dissolvida dentro das suas narrativas – uma característica comum tanto a *Conceição* como *Resgate cultural* – não deixa de ser um dos maiores elos entre estes filmes coletivos. No caso de *Conceição*, a despeito de toda a discussão sobre autores, o filme nunca deixa de ser principalmente uma chanchada possível dentro do contexto do cinema brasileiro do fim dos anos 1990.

Da esquerda para a direita:

A casa de Sandro,

Desassossego (filme das maravilhas),

Pescaria de merda.



Resgate cultural, o filme



Os monstros



Muito do desejo de dissolução de autor presente em *Conceição* viria a se completar de forma ambígua ano passado em *Desassossego* (filme das maravilhas), projeto coletivo coordenado pela dupla de cineastas Felipe Bragança e Marina Meliande. É um filme que existe ao mesmo tempo em dois planos. De um lado, trata-se de um trabalho coletivo com dez episódios dirigidos por Helvécio Marins Jr./Clarissa Campolina, Carolina Durão/Andrea Capella, Ivo Lopes Araújo, Marco Dutra/Juliana Rojas, Marina Meliande, Caetano Gotardo, Raphael Mesquita/Leonardo Levis, Gustavo Bragança, Felipe Bragança e Karim Ainouz; por outro, é também a terceira parte da trilogia *Coração no fogo* de Bragança e Meliande (que também inclui os seus longas *A fuga da mulher gorila* e *A alegria*). Logo *Desassossego* existe num espaço único, parte de um projeto pessoal, no qual os cineastas incluíram uma série de realizadores amigos. De certa forma é a expressão mais clara deste desejo de buscar o outro presente no jovem cinema brasileiro, como se o projeto *Coração no fogo* fosse incompleto se não se estender a mão e convidar outros parceiros para compartilhar dele. Por outro lado, *Desassossego* não deixa de anular suas individualidades em favor do projeto geral com a sensibilidade de Bragança/Meliande dominando de tal forma o filme que os múltiplos episódios se misturam num só. A ideia de autor se dissolve no que podemos chamar de um filme de curador. São dois movimentos completamente opostos à generosidade do convite e a forma como tudo se dilui num só olhar. O próprio conceito central de *Desassossego* – um filme-carta que convida o espectador a colaborar também – reforça a ideia de inclusão, de obra incompleta sem um convite ao outro.

Os monstros é um filme que acredita plenamente que o desejo de uma expressão autêntica só tem como existir **se compartilhado com o outro**. Não um público abstrato, mas um companheiro que tenha um mínimo de sintonia com o seu trabalho. Não se faz cinema sozinho, *Os monstros* parece repetir sempre.

Ninguém levou tão a sério a ideia do trabalho coletivo como a produtora cearense Alumbramento, em especial nos dois longas-metragens do quarteto Luiz e Ricardo Pretti, Pedro Diógenes e Guto Parente. Os quatro cineastas já realizaram extensa obra em curtas individualmente (Luiz e Ricardo frequentemente trabalham juntos) e mais recentemente fizeram em conjunto os longas *Estrada para Ythaca* e *Os monstros*. Desde 2008, quando da realização do longa em episódios *Praia do Futuro*, um típico filme de apresentação, e do curta dos Pretti *Vida longa ao cinema cearense*, uma espécie de carta de intenções, a Alumbramento se destaca por ser um polo criativo no qual os cineastas regularmente colaboram nos filmes uns dos outros, mas nestes longas recentes este processo vem para dentro da imagem.



Conceição – autor bom é autor morto

DANIEL CAETANO



LUCAS VAN DE BEUQUE



Em ambos os filmes, os quatro cineastas interpretam versões de si mesmos e a ideia da camaradagem do grupo está sempre no centro do processo com a ideia de borrar a fronteira entre cinema e vida presente o tempo todo. Em *Estrada para Ythaca*, o processo é uma viagem alcoolizada para velar um amigo morto, mas em *Os monstros* a ação se torna muito mais direta e simbólica. *Os monstros* é um filme que acredita plenamente que o desejo de uma expressão autêntica só tem como existir se compartilhado com o outro. Não um público abstrato, mas um companheiro que tenha um mínimo de sintonia com o seu trabalho. Não se faz cinema sozinho, *Os monstros* parece repetir sempre. No filme os Pretti interpretam dois músicos e Diogenes e Parente são dois técnicos de som, e tudo afunila para uma longa – dura cerca de 15 minutos – *jam session* que o quarteto grava. É um filme todo agoniado em busca deste momento no qual a colaboração finalmente acontece e o trabalho de cada um pode finalmente encontrar seu espaço e respirar.

Se num filme como *Conceição* o coletivo passa inevitavelmente por uma tentativa de matar a figura do cineasta como um criador solitário, em filmes como *Desassossego* e *Os monstros* entramos pelo terreno muito maior que o do compartilhamento de sensibilidades. Já não se contenta simplesmente em mostrar a obra pronta aos cineastas-amigos, é preciso trazê-los para dentro delas. Se *Conceição* e *Resgate cultural* eram filmes que não disfarçavam dentro do seu mal-estar um confronto, *Desassossego* e *Os monstros* misturam o seu mal-estar a uma constante afetividade. O grupo é o último refúgio tanto dos seus personagens como dos seus criadores. É uma forma tanto de resistência como de fuga, algo que se manifesta de forma mais direta nestes filmes, mas encontra eco em vários outros trabalhos de jovens cineastas que, se assinados individualmente, não escondem o mesmo desejo de dissolver o indivíduo (seja este o personagem como seu autor) num grupo. A única afirmação constante neste cinema é que já não podemos sobreviver realizando filmes sozinhos.

Filipe Furtado é ex-editor da Revista Paisã e atualmente redator da revista Cinética.

Desassossego, (filme das maravilhas)